

Perspectivas para a Educação Cristã em João Calvino

Gabriele Greggersen*

RESUMO

O que se pode dizer sobre a perspectiva educacional de João Calvino, considerando que ele não mencionou a educação explicitamente em nenhum dos seus textos? O presente artigo busca testar a hipótese de que, na verdade, esta é uma perspectiva implícita em toda a visão de mundo de Calvino. Como o expressaria T. S. Eliot, trata-se de um "goes without saying", um óbvio não dito, que é particularmente evidenciado na prática pedagógica de Calvino na Academia de Genebra, bem como na sua epistemologia. Depois de levantar diversas bases de sustentação para essas hipóteses, o artigo conclui com implicações para a educação cristã da concepção de Calvino de que nenhum conhecimento, e, portanto, nenhuma educação, pode, em última análise e a rigor, ser considerado secular. Nosso objetivo central foi, assim, o de motivar os educadores cristãos do presente a assumirem e praticarem a sua perspectiva cristã e, em particular, a sua perspectiva reformada.

PALAVRAS-CHAVE

Calvino, Reforma, epistemologia, Academia de Genebra, educação, conhecimento de Deus.

I. INTRODUÇÃO: RELEVÂNCIA DA REFORMA PARA A EDUCAÇÃO

Todos os historiadores concordariam em considerar a Reforma uma época de grandes mudanças não somente filosófico-teológicas, mas também culturais, sociais, políticas e econômicas no mundo ocidental. De acordo com Cambi, a mudança ocorre em vários planos:

No plano doutrinal, o princípio do "livre exame" e da "salvação apenas pela fé" abala os pilares da doutrina católica que fazem da Igreja o elemento de mediação na relação entre o homem e Deus e de garantia da graça divina mediante os sacramentos. No plano social, é superada a distinção de origem medieval entre clero e laicato, entre ação religiosa e ação civil, fazendo do mundo terreno o lugar em que se realiza a obra de Deus. A concepção do trabalho também sai daí amplamente modificada. Sobretudo com Calvino, a atividade laboriosa é considerada um elemento de salvação do homem e um meio para instaurar o reino de Deus na terra (Cambi, 199, p. 247).

Com todas essas inovações e a libertação da consciência e da linguagem humana para o estudo direto das Escrituras, a educação passa a ter um valor religioso especial para os reformadores, pois ela passa a ser considerada o meio por excelência para divulgação do evangelho e de expansão das idéias reformadas.

Este artigo pretende falar das perspectivas educacionais em João Calvino, sem evidentemente querer esgotar a vastidão e profundidade filosófica e teológica deste importantíssimo expoente do pensamento do cristianismo e para toda a história do pensamento ocidental. Não estaremos analisando ainda as influências deste pensador nos

vários segmentos da sociedade e da cultura, entrando no mérito da sua teologia mais profunda e sistemática. Nosso foco principal será extrair, com base na sua teoria do conhecimento, bem como na sua prática docente na Academia de Genebra, princípios válidos para a educação cristã.

Como se sabe, Calvino não tem uma concepção de educação explícita, como tem a maioria dos pensadores da Reforma. Ele só passou a se empenhar ativamente neste campo ao final da sua vida, quando, em 1559, inaugura a Academia de Genebra. Estaremos assim investigando a hipótese de que, embora Calvino nunca tivesse sistematizado suas idéias sobre a formação humana, ele as deixa transparecer em sua teoria do conhecimento e na sua prática educacional. O que, a nosso ver, freqüentemente passa despercebido aos teólogos e educadores é que a educação é um "óbvio não dito" na teoria do conhecimento de Calvino, que se reflete na sua prática educacional.

Outra hipótese que gostaríamos de testar é que é a epistemologia explicitada nas *Institutas*¹ que melhor permite extrair implicações para o campo educacional. Isso vale em especial para o seu conceito de criação, queda, graça comum e a concepção, de que o conhecimento de Deus esteja inalienavelmente associado ao conhecimento de si.

A abordagem ora empreendida das perspectivas educacionais de Calvino se dará, assim, partindo-se de duas bases: a sua epistemologia, particularmente a sua concepção do conhecimento de Deus, e a sua experiência na Academia de Genebra. Concluindo, procuraremos extrair ainda as implicações para a educação cristã nos dias de hoje.

II. CONTRIBUIÇÃO ESPECÍFICA DE CALVINO

Dos planos de influência anteriormente explicitados, devemos dar especial ênfase ao conceito de liberdade e à conseqüente busca da democratização dos saberes, como algo que dignifica o homem e serve para glorificar a Deus. Estaremos aqui defendendo a hipótese de que tudo o que Calvino empreendia, toda a sua obra e legado, tem este foco de glorificação de Deus por meio da educação e do conhecimento. Para Ferreira,

Ao apresentar o seu catecismo formulado para a igreja de Genebra, afirmava Calvino que o ensino do catecismo era um meio de voltar ao costume primitivo, que, pela ação de Satanás, tinha sido abolido. Era preciso cuidar que as crianças fossem devidamente instruídas na religião cristã. Para que isso fosse feito mais convenientemente, era preciso ter não somente escolas abertas como no passado, e indivíduos empenhados no ensino de sua família, mas era também preciso adotar como costume público e prática a interrogação das crianças na igreja, sobre temas mais comuns e bem conhecidos dos cristãos. Por isso, explicava ele, escrevera o seu catecismo e as *Institutas* [...] Calvino acreditava na religião inteligente, fruto do intelecto, tão bem quanto das emoções. Dizia ele que um dos mais tenazes inimigos da verdadeira religião é a ignorância. Calvino insiste que a ignorância é a mãe da heresia. Dillistone afirma que para Calvino a Igreja é a escola da doutrina, o lugar onde os homens aprendem o verdadeiro conhecimento e são instruídos no caminho do Senhor (Ferreira, 1990, p. 182-183).

O autor prossegue, afirmando que ele poderia citar muitos outros pesquisadores que reforçam o fato de que a educação era peça-chave no pensamento de Calvino e representava um dos seus maiores sonhos. Como herdeiro do pensamento de Lutero, Melancthon, Zwínglio e outros grandes educadores cristãos, a educação tinha para Calvino prioridade máxima. Trata-se, portanto, de um óbvio implícito em qualquer empreendimento que se denominasse cristão reformado. E a Igreja devia contar com a

cooperação do Estado “para que a educação, colocada sob os auspícios da Igreja, sirva aos propósitos do reino de Deus e para a sua glória” (Ferreira, 1990, p. 188). Nesse sentido, o autor faz uma aproximação entre Calvino e outros grandes expoentes para a educação, tais como Loyola e Rousseau.

Mas a maior contribuição de Calvino concentra-se na área filosófica e epistemológica, pois ele inaugurou uma nova maneira de pensar não apenas as coisas de Deus, pelo que certamente ele revolucionou toda a sociedade, mas todas as coisas que há no mundo. A partir dele o sistema de ensino passou a ser não apenas público e gratuito, mas também compulsório em Genebra. Graham (1998, p. 146-147) nos lembra que, na época de Calvino, a sua Academia era tão valorizada que chegou a representar o único prédio público de maiores dimensões da cidade. Foi na Academia de Genebra, como veremos mais adiante, que ele o realizou e pôs em prática as suas maiores teorias educacionais, bem como o seu ideal de comunidade cristã.

De acordo com Botto, a Academia se destacava pelas articulações que promovia entre a educação clássica e o pensamento sistemático e metuculoso dos reformadores:

Como reformador da Igreja Cristã, Calvino, em Genebra dos anos 30 do século XVI, também se destacaria para as autoridades municipais que, sendo a formação religiosa consequência da protestação da fé, deveria ser firmada uma escola, capaz de articular leitura, escrita e ortodoxia cristã [...] O calvinismo, nesse nível, apresentou-se como uma modificação nas estruturas mentais que regulavam não apenas a vida religiosa mas o modo de estar no mundo; e, muito particularmente, a ética no trabalho. Em 1559, Calvino agregaria o ensino de algumas escolas latinas com a reunião ginásio/academia [...]. Seu propósito institucional supunha uma estratégia pedagógica calcada na preparação do espírito mediante uma estrita disciplina, metuculosamente planejada, com divisão de horários e de tarefas de instrução e de catecismo (Boto, 2001, p. 56).

Em seguida a autora nos lembra que devemos a Calvino, entre outras coisas, a palavra e noção de *currículo*. Mas há os críticos que atribuem ao seu “pessimismo moral” o seu projeto educativo assim tão disciplinar e unificado em torno de uma “consciência institucional”.

O que não se pode negar é que os reformadores tinham em comum esta ênfase na educação, que até então vinha sendo negligenciada e nunca antes havia sido priorizada de forma tão democrática e livre no mundo ocidental. Com a estratégia de instauração de sistemas escolares públicos e confessionais e de tradução da Bíblia para o vernáculo, Lutero e seus seguidores, por exemplo, promoveram na Alemanha uma aproximação direta com os textos bíblicos.

A diferença dessa tática em relação ao método adotado por Calvino é que este se concentrava mais na educação dos jovens e adultos, preparando-os para o ministério e a evangelização. A instrução também passava a receber uma ênfase muito mais eclesial e bíblica. Para Calvino, a própria Igreja é vista como mediadora por excelência de todos os saberes. E o seu principal compromisso é com uma doutrina pura, unicamente baseada nas Escrituras (*sola scriptura*). De acordo com Höpfl, a Igreja era o referencial primeiro da educação:

Ele (Calvino) fala em uma associação imediata da igreja como sendo a “mãe” e a “escola” e em seguida passa a descrever a sua disciplina como a “vara paterna” [...] Em todos os casos Calvino tendia a interpretar o ministério educacional da igreja como uma

transcrição e transmissão precisa da doutrina, por um lado, complementada por uma audiência entusiástica, por outro (Höpfl, 1982, p. 204).

Esse autor também confirma a nossa tese de que a educação se encontra implícita na visão de mundo cristã dos reformadores e suas ações, particularmente na de Calvino.

Em certo sentido, o posicionamento cristão é um empreendimento educacional, embora Calvino aparentemente nunca o apresentou sob esta perspectiva. A própria noção de educação assume um aspecto ameaçador no contexto da *universitas*, aproveitando a esclarecedora distinção de Oakeshott entre *societas* e *universitas*. Mas, da mesma forma como a educação tem que vir atada à postura cristã, a concepção deste empreendimento é em si mesma sujeita à modificação, por ser interpretada como educação, e esta linha de raciocínio pode ser perfeitamente discernida em Calvino, pelo menos no contexto do seu debate a cerca da igreja (Höpfl, 1982, p. 203).

Além deste empreendimento educativo, a perspectiva cristã de Calvino também contém implícito um humanismo, que Calvino deixou transparecer na Academia de Genebra por ele fundada, bem como uma concepção política facilmente extraível. Para Leith,

João Calvino também era um humanista e um "scholar" antes de se tornar um reformador. A tradição humanista do século XVI imprimiu uma marca indelével sobre todo o futuro da tradição reformada. Em todos os lugares em que a comunidade reformada se estabeleceu, surgiram escolas ao lado dos templos não somente para o ensino da Bíblia ou para ensinar a ler a Bíblia e outras habilidades relacionadas com o seu estudo, mas também todo o elenco das artes liberais, para libertar o espírito humano [...] A Academia de Genebra era, em muitos aspectos, a coroação do trabalho de Calvino na cidade [...] Nas *Institutas*, Calvino escreveu que as pessoas que "conhecem as artes liberais penetram, com sua ajuda, mais profundamente nos segredos da sabedoria divina". Nas *Ordenanças*, ele declarou "A função própria dos doutores é a instrução do fiel na verdadeira doutrina, para que a pureza do evangelho não seja corrompida nem pela ignorância nem pelas más opiniões [...] Mas tendo em vista que somente é possível tirar proveito das aulas se houver, em primeiro lugar, o ensino de línguas e humanidades, e também porque é necessário educar as próximas gerações para que não se deixe a igreja deserta para nossos filhos, um colégio deve ser instituído para instruir as crianças. Preparando-as para o ministério e para o governo civil" (Leith, 1996, p. 123-124).

Mais adiante (Leith, 1996, p. 288), o autor frisa que um dos tópicos essenciais da teologia de Calvino destacava a importância da inteligibilidade do culto e que, para isso, a instrução pela via da catequese era considerada mais importante do que a Confissão de Fé. De acordo com Pereira da Costa, Calvino manifestava a sua preocupação didática em todas as suas obras:

o seu propósito permanecia o mesmo: "[...] preparar e instruir os candidatos à Sagrada Teologia, que não só lhe tenham fácil acesso, mas ainda possam nesta escalada avançar sem tropeços". [...] Calvino elaborou em francês [...] um catecismo, não sendo constituído em forma de perguntas e respostas, escrito de modo que julgou acessível a toda a Igreja. O seu objetivo era puramente didático (Pereira da Costa, 1997, p. 11).

Já na carta introdutória, dirigida ao Rei Francis da França,² Calvino deixa claros os seus objetivos com as *Institutas*:

1. Fornecer princípios básicos para os interessados em religião, como meios para

treiná-los nas coisas verdadeiramente divinas.

2. Suprir a fome dos seus conterrâneos franceses por maiores conhecimentos sobre Jesus.
3. Escrever uma obra elementar e simples, própria para a instrução.

Como se pode ver, todos os objetivos têm em comum um fundo epistemológico-pedagógico e didático, o que já confirma a nossa primeira hipótese de que a educação seja um óbvio não dito nas *Institutas*.

Ao final da sua interessante análise, Leith frisa novamente que os reformadores, embora na maioria não tivesse tido interesse direto em influenciar a cultura e promover as ciências, acabaram atingindo este objetivo. Isso deu-se graças ao aprofundamento no conhecimento de Deus e da natureza por Deus criada e à defesa da pureza da doutrina cristã:

João Calvino enfatizava a importância da instrução não simplesmente para estudar a Bíblia, mas também para conhecer a ordem criada por Deus. Para ele, o estudo das artes liberais era um ato de obediência cristã [...] Onde quer que tenham surgido comunidades reformadas, escolas foram solidamente estabelecidas pelas igrejas. A magnífica declaração feita pelos puritanos da Nova Inglaterra ao fundar Harvard é um monumento à tradição: "Após haver Deus nos trazido salvos à Nova Inglaterra e termos construído as nossas casas, providenciado o necessário para nosso sustento, erguido lugares apropriados para cultura a Deus e instalado o governo civil, uma das coisas que, em primeiro lugar, almejávamos e buscávamos era melhorar a instrução e perpetuá-la para a posteridade, restando deixar para as igrejas, quando o ministério atual estivesse sob as cinzas, um ministério iletrado" (Leith, 1996, p. 347-348).

Assim, o pensamento reformado, ao preocupar-se com a manutenção da tradição e da sua identidade cristã, acaba valorizando a educação, pautada por um projeto pedagógico sólido de longa duração.

De acordo com Cambi, para os reformadores, a educação está tão inalienavelmente associada à renovação religiosa, que as suas ações e pensamento acabaram trazendo relevantes implicações políticas e administrativas para a Igreja e a cidade. Nas suas *Institutas*, Calvino

[...] sublinha a convergência das artes liberais com o verbo evangélico, a necessidade da instrução para a justa administração da cidade e a exigência de formar a consciência individual através dos textos literários [...] Nos seus *Ordenamentos eclesiásticos* defende a necessidade da frequência escolar para todo representante da nova Igreja e aponta nas "línguas" e nas "ciências seculares" os instrumentos fundamentais da formação. Tal programa está também na base da Academia de Genebra, fundada em 1539 para a formação dos ministros do novo culto, que pode ser considerada a obra-prima de Calvino na sua qualidade de organizador da cultura (Cambi, 199, p. 252).

O conhecimento de Deus, comunicado ao homem por meio de Cristo, é visto, assim, como a doutrina mais autêntica a ser aprendida pelo cristão. Nenhum cristão reformado pode, portanto, dar-se o direito de negar o conhecimento de Deus por meio de Cristo, a cristãos e não-cristãos. Pois, do contrário, ele está negando o sentido do próprio conhecimento, o fundamento último da educação, em última instância o da própria vida.

O que temos que negar, sim, são “conhecimentos” mentirosos e enganosos. Urge ao educador cristão conscientizar-se de que, a rigor, ao que tudo indica, não há conhecimento secular para Calvino, mas somente conhecimento corrompido.

Ferreira afirma, citando Aiken Taylor, que

A igreja tinha que ensinar os seus filhos como viver neste mundo dentro da vocação que de Deus receberam [...] Entre as funções que Calvino postulava para os que servem à Igreja de Cristo estava o mestre. “E quando falava do mestre, estava falando do mestre-escola, pois, para o reformador, educação nunca era ‘secular’ como o termo é geralmente entendido hoje. Todo ensino tem como seu arcabouço primário a referência à glória de Deus e só tinha significado, em última análise, se contribuía para a salvação e o adiantamento da igreja. Calvino ponderava que da mesma sala de aula vinham o ministro, o servidor civil e o leigo” (Ferreira, 1990, p. 194).

Da mesma forma como não há conhecimento que possa prescindir do conhecimento de Deus, toda a educação, consciente disso ou não, tem a sua finalidade e fundamento últimos no conhecimento de Deus, servindo para a sua glória. Essa é a melhor base possível para qualquer empreendimento educativo.

No entanto, o que está acontecendo hoje, em países que se dizem “cristãos” e ostentam este fato das mais diversas maneiras, como os Estados Unidos, é que estão tendendo cada vez mais para o completo secularismo. Osterhaven é um dos autores que expressam a sua preocupação com o futuro do país, pois ninguém pode ser neutro no que diz respeito à religião. A nação americana está recaindo cada vez mais em flagrantes contradições, quando exige neutralidade religiosa do sistema escolar:

Que o “estabelecimento de uma religião do secularismo”, para usar as palavras do magistrado da corte, já não é mais nenhuma possibilidade remota parece evidente hoje e a educação pode tornar-se um meio para a realização disso. Nesta religião, a democracia se torna um substituto de Deus, já que ela reivindica lealdade absoluta e que o ritual patriótico, como a devoção à bandeira o caráter de exercícios devocionais. Mais ainda a Suprema Corte afirmou repetidamente em leis recentes que a lei do país está colocando a nação americana em uma posição de “total neutralidade” com respeito à religião, na teoria tanto quanto na prática (Osterhaven, 1971, p. 160).

Por mais que ele afirmasse em seguida que, no fundo, a nação americana nunca tivesse realmente ostentado a intenção de estabelecer esta “religião do secularismo”, muitos americanos estão se esquecendo da profunda influência do pensamento da Reforma para o enfrentamento dos maiores desafios educacionais e sociais do país. Querer apagar o espírito da Reforma do país seria apagar a própria história e identidade, não apenas dos Estados Unidos, mas de todos os países influenciados pelo cristianismo e, particularmente, pela Reforma. E isso vale até mesmo para o Brasil, embora sejam ainda poucos os estudos que apontem para esse fato. Pois, por mais que as vertentes da Reforma possam ter as suas diferenças, todos os países por ela influenciados tiveram os seus sistemas educacionais melhorados graças a ela.

De acordo com Wendel, a questão da educação não une somente todas as variantes da Reforma, mas até mesmo as do movimento humanista:

Humanistas e Reformadores, por mais divididos que eles estavam em relação a tantas coisas, estavam de acordo, pelo menos em um ponto: a necessidade, no treinamento do

homem e do cristão, de uma educação mais completa e extensiva possível, fundada no estudo dos antigos (Wendel, 1997, p. 105).

Tanto Lutero quanto Calvino e todos os demais reformadores estavam totalmente convencidos de que o estudo da filosofia antiga permitiria um aprofundamento nos próprios estudos teológicos.

III. A ACADEMIA DE GENEBRA

Como já mencionamos anteriormente, Calvino dedicou os últimos nove anos da sua vida à consolidação das idéias reformadas por intermédio da sua academia, que visava atender a uma crítica que se fazia aos papistas. Eles eram acusados de estar negligenciando os jovens, deixando-os na ignorância. Daí a ênfase maior da educação de Calvino na instrução de jovens e adultos.

A princípio, sua estratégia era oferecer aos jovens teólogos três preleções semanais abertas ao público. Com o tempo, porém, essas palestras começaram a ser tão fortemente visitadas por teólogos e interessados de todo o mundo, que Calvino decidiu fundar inicialmente uma escola ginásial, à que acabou atrelando uma Academia. Embora inicialmente restrita a teólogos desejosos por aprofundarem-se no evangelho, para se equiparem para o ministério, ela acabou sendo aberta para todos os campos do saber. E Calvino procurava atender principalmente ao estudante pobre com um ensino gratuito, não medindo esforços para angariar fundos e acompanhar as obras, apesar de seu estado de saúde precário na época.

Mas o que mais atraía os alunos era o programa oferecido pela Academia. Já desde o início ela apresentava um currículo, estruturado da seguinte forma:

O ensino era dividido em dois níveis: O nível inferior chamava-se *schola privata*, na qual inicialmente se ensinava a ler e escrever, em seguida francês, grego, latim e fundamentos da filosofia, finalmente ainda hebraico e principalmente filosofia e literatura. Quem fosse aprovado com sucesso nestes estudos preparatórios de sete anos, podia matricular-se no segundo nível, da *schola publica*, na qual eram oferecidas palestras e ensaios acadêmicos. No ano de morte de Calvino, a *schola privata* contava com quase 1.200 alunos e a *schola publica* com aproximadamente 300 estudantes [...] Os alunos vinham de todos os países, principalmente da França, de igrejas evangélicas para Genebra e sua academia, que espalharam o espírito de Calvino, após o seu período de preparo para o ministério, por todos os lugares do mundo daquela época.³

Quanto aos professores, a providência também foi generosa, pois, com a excomunhão de muitos excelentes doutores da Igreja Católica, os simpatizantes do calvinismo já tinham destino certo, sendo recebidos de braços abertos na Academia. Entre eles contava-se Teodoro Beza, que se tornaria grande amigo e sucessor de Calvino. Ele elevou-o ao posto de reitor, preferindo permanecer, ele mesmo, na condição de mero professor.

Na escola ginásial havia um professor de línguas designado para cada classe (sete no total). Assim a Academia acabou tornando-se muito mais, do que uma mera instituição de ensino:

O bem pensado plano de ensino desenvolvido nos mínimos detalhes por Calvino prova que a sua escola não era uma mera instituição de ensino, mas, ao mesmo tempo, uma instituição de educação, que pretendia formar não apenas a razão, mas também o

caráter, a vontade. A escola pretendia fornecer ao educando uma base de sustentação tradicional-religiosa para toda a vida [...] Na Academia, cinco professores explanavam as Sagradas Escrituras, explicitavam sistemas filosóficos, e liam alguns clássicos. Diversas aulas também eram dedicadas à física e matemática. Havia cadeiras reservadas também para a medicina e a ciência jurídica [...] Era esta a estrutura educacional inicialmente pretendida, por ocasião do acabamento do prédio e sua inauguração bastante festejada no dia 5 de junho. E o mesmo prédio continua lá até hoje, com poucas modificações de aparência, com sua inscrição em hebraico, sob o velho pórtico das palavras: "O temor do Senhor é o princípio do saber". Até hoje foram se seguindo os filhos da cidade de Calvino. Até hoje costuma-se exibir os livros e manuscritos de Calvino nas salas da biblioteca, aos testemunhos mudos das suas vigílias, suas doenças e preocupações diárias. Por ocasião da sua inauguração, a escola ginásial contava com 280 alunos.⁴

Entre os alunos contaram-se grandes reformadores, como João Knox, que tiveram ampla influência não apenas no sistema de ensino da Escócia, mas indiretamente também no de países amigos como os Estados Unidos. Cairns (1984, p. 254) nos lembra que a Academia foi a precursora do que é hoje a respeitada Universidade de Genebra, e que a sua influência internacional alcançou os Estados Unidos por meio dos puritanos e calvinistas que foram influentes na construção de universidades eminentes como Harvard, Yale e Princeton.

Alguns biógrafos e estudiosos do pensamento de Calvino dizem que o seu estilo de aula era claro, bem ordenado e entusiasmado. Ele chegava a ministrar as suas palestras para platéias de até mil pessoas.

A academia continua sendo considerada mãe de todas as escolas superiores evangélicas fundadas a partir daí nos países em redor. Uma carta da universidade holandesa do ano de 1594 constata com orgulho que a Academia "iluminou o mundo, que ela era a base sólida da fé, o pilar da igreja, o refúgio e lugar de cultivo das ciências e das artes". O fato é que a influência de Calvino foi tão duradoura, que a Academia permaneceu até o século 18, sendo considerada por toda a Europa reformada a maior escola superior de formação teológica [...] Foi assim que o grande espírito de Calvino cultivou a ciência e a fé viva, associando ao máximo ambas as coisas, elevando Genebra, com isso, ao alto cargo de luminária no mundo protestante.⁵

IV. A EPISTEMOLOGIA DAS *INSTITUTAS*

Podemos fazer uma boa idéia da epistemologia de Calvino, com base nas suas *Institutas da religião cristã*. É interessante notar neste sentido que, no alemão, elas foram chamadas de *Unterricht in der Christlichen Religion*, ou seja, *Lições* ou *Aulas acerca da religião cristã*, deixando já transparecer a intenção didática e educacional da obra. Calvino explicita nesta obra que o conhecimento, particularmente o conhecimento de Deus, é um dos dons que Deus deu graciosamente ao ser humano.

Acontece que a mente do homem, embora preparada desde a criação para a concepção e construção do conhecimento, encontra-se obscurecida pela queda. E o conhecimento que o homem mais ignora e de que mais carece, que é o de Deus, é condição para a conquista de todo e qualquer outro conhecimento, particularmente o de si mesmo. Embora todos os seres humanos tenham uma noção inata de si e de Deus impressa desde a criação, eles só terão uma concepção mais completa de si, consciente de suas potencialidades e limitações, depois que tiveram algum encontro com o seu Preceptor, o

seu Outro original.

A preocupação de Calvino com a instrução e em tornar a teologia mais inteligível baseia-se nesta sua concepção epistemológica, que diz que tudo o que o homem sabe depende e provém, em última instância, de Deus, servindo para a sua glória. O limite do conhecimento humano encontra-se, portanto, no que Deus está disposto a nos revelar direta ou indiretamente. Mas esse conhecimento *visa exclusivamente à glória de Deus*. O mero conhecimento não salva ninguém (e portanto tampouco a escola).

Com isso, Calvino se opunha fortemente a muitos teólogos da Igreja Católica, que sugeriam que o homem podia salvar-se a si mesmo, observando o conhecimento e lei de Deus presentes na natureza. Ele também se opunha às tendências vigentes entre os teólogos do seu tempo para a especulação:

O conhecimento de Deus e de sua Palavra não visa a satisfazer a nossa curiosidade pecaminosa, mas, sim, a conduzir-nos a Ele em adoração e louvor: "O conhecimento de Deus não serve à fria especulação, mas vem associado ao culto". O Espírito nos ensina através das Escrituras; que são "a escola do Espírito Santo" (Costa, 1997, p. 15).

Depois de esclarecer as suas metas, Calvino procura convencer o Rei da importância e do seu dever de lutar contra a ignorância sobre Deus, para que nada abale a autoridade dele e o triunfo da verdade no Reino da França. E, para isso, Calvino apresenta uma linha de raciocínio, baseada em argumentos epistemológicos, para sustentar a sua tese de que a doutrina é o melhor norte para guiar todo o conhecimento e poder humanos. O primeiro argumento é que ela não foi concebida por homens decaídos, e, sim, por Deus, que a tudo governa. Ela é, portanto, a fonte de todo o conhecimento humano.

Logo em seguida, Calvino apela para um princípio, totalmente pautado pela concepção de criação, o princípio da analogia, que é considerada por ele a base de toda interpretação da Bíblia: "Quando Paulo declarou que toda a profecia deve estar de acordo com a analogia da fé (Rom 12:6), ele estabeleceu a regra mais segura para se determinar o sentido das Escrituras".⁶

Pois tudo o que o homem pode interpretar sobre as Escrituras e o mundo a seu redor não pode ser literal e lógico, mas só pode ser concebido com base no referencial primeiro do pensamento de Deus, impresso por ele em toda a criação. Aqui nós já nos deparamos com uma pista que confirma a nossa hipótese de que é da epistemologia de Calvino, com ênfase na criação e na analogia da fé, que podemos melhor extrair a sua filosofia da educação. Pois, se a criação é uma realidade, então não temos outra fonte de conhecimento e educação, senão o próprio Criador.

Não haveria melhor pessoa a perguntar sobre o sentido das coisas e acerca de uma obra de arte do que o seu próprio autor. Se nós o ignorássemos, a obra simplesmente deixaria de existir ou ficaria com sentido incerto. Não podemos simplesmente "inventar" arbitrária e subjetivamente algum sentido e dizer que aquele é que está valendo "para nós". Isso seria, no mínimo, um reducionismo.

Pois, em última instância, toda interpretação verdadeira que possamos fazer sobre a realidade criada por Deus tem o seu referencial primeiro na mente do Criador. E isso é ainda mais relevante e verdadeiro, se considerarmos que nós mesmos somos esta obra de arte.

Não é certamente por acaso que, após passar por inúmeros temas controversos, como a validade do uso de imagens na igreja, a existência e natureza dos anjos etc., Calvino encerrasse as suas *Institutas*, onde começou, reafirmando que é o simples fato de sermos criaturas que nos faz buscar o conhecimento (*knowledge*) ou reconhecimento (*acknowledgement*) de Deus e, assim, por contraste também da nossa desgraça.

Assim, do ponto de vista epistemológico, é o conceito de *criaturalidade* e, ao mesmo tempo, o de *queda* e *redenção* que está por trás da nossa busca pelo conhecimento e da possibilidade de alcançarmos sentidos verdadeiros. E esse conhecimento nos previne de recair em fábulas e heresias acerca das coisas divinas. Pois Deus imprimiu a sua imagem pensante e criadora de tal modo na alma do homem, que passou a ser chamado para a eternidade. E com isso ele também se torna vocacionado para o conhecimento.

Calvino cita a Bíblia quando Deus exorta o povo de Israel quanto à sua ignorância a respeito de quem ele seja. Ele nos lembra ainda que os discípulos tiveram que enfrentar uma ignorância muito semelhante à que impedia o avanço da fé nos seus tempos. Assim Calvino destaca na Bíblia a importância que, em todos os tempos, Deus sempre atribuiu ao conhecimento e à instrução geral, para manutenção da sua doutrina. Se a ignorância das massas fosse um pouco menor, afirma Calvino, muitas das más interpretações e acusações infundadas de que os reformadores eram vítimas tão freqüentemente poderiam ser evitadas. Finalmente Calvino faz um apelo à unidade e harmonia entre os cristãos e ao culto sincero a Deus, bem como à prática das virtudes cristãs.

E, no prefácio e epístola introdutória às *Institutas*, vemos mais uma vez a sua profunda preocupação em facilitar e tornar mais sistemática a compreensão da leitura e a aquisição do conhecimento de Deus, quando ele esclarece que a leitura das *Institutas* é pré-requisito para a compreensão de qualquer um dos seus comentários às Escrituras e análise da sua teoria do conhecimento.

Ele esclarece ainda que é dever daqueles instituídos de mais luz instruir e ensinar os mais simples para a honra e glória de Deus. Quem reconhece isso tem as maiores chances de progresso nesta "escola de Deus", que são as Escrituras. Como se pode ver, as metáforas e conceitos pedagógicos encontram-se fortemente presentes nas *Institutas*, desde as primeiras linhas.

Com extremo didatismo, Calvino deixa claros a sua metodologia e objeto de estudo que são duplos: o conhecimento de Deus e o conhecimento de si mesmo. Segundo ele, o conhecimento que existe implícito na natureza é um espelho do conhecimento de Deus. Deus tem prazer em se fazer conhecer por intermédio de suas criaturas para a glória e honra do seu nome (Rom 1:19-20). Por outro lado, Cristo, que é o mediador desse conhecimento, nos mostra a nossa limitação, convidando-nos a nos instruímos e aprendermos cada vez mais. Trata-se, portanto, de uma epistemologia focada na perspectiva divina do homem enquanto criatura e enquanto ser limitado e decaído. Pois, como dizia Epíteto, "É impossível para um homem aprender aquilo que ele acha que já sabe".

IV.I Conhecimento de Deus e de Si Mesmo

Como dizíamos, o conhecimento de Deus está intimamente relacionado ao conhecimento

de si mesmo. No primeiro capítulo do primeiro livro das *Institutas*, Calvino resgata o primeiro artigo do *Credo dos Apóstolos* sobre a criação, sustentação e governo do cosmos. A partir daí, ele fala sobre o conhecimento de Deus, como o reconhecimento do Criador, fonte de todo o bem, sustentador e senhor do mundo. Ele deixa claro que o conhecimento de Deus se constrói por um processo dialético e paradoxal. Trata-se de um processo dialético, devido à interação entre o conhecimento de Deus e o de si mesmo. Paradoxal, porque somente quando o homem reconhece o seu pecado é que ele pode vir a conhecer Deus. Assim, o verdadeiro conhecimento de Deus consiste, por um lado, no reconhecimento da própria finitude e limitação, que, por outro lado, só pode ser claramente reconhecida quando contemplamos e encaramos com temor o rosto e a majestade de Deus. Assim, tanto o conhecimento de Deus quanto o de si mesmo provêm deste contraste que estabelecemos entre a glória de Deus e a pecaminosidade do homem.

Nessa altura, Calvino sente a necessidade de definir o que mais precisamente ele entende por conhecimento de Deus,

aquele pelo qual nós não apenas nos damos conta de que sequer haja algum Deus, mas também apreendemos que isso é do nosso interesse e conduz à glória de Deus. Em outras palavras, é adequado ter conhecimentos a respeito dele.⁷

Tal conhecimento é tão decisivo que, se Adão não tivesse pecado, seria possível até alcançar o reconhecimento de Deus naturalmente, mediante o conhecimento da realidade criada. Pois Deus não se revela somente nas Escrituras, mas em toda a criação, primeiro como Criador e, depois, como Mediador. E somente o conhecimento de Deus adquirido de modo assim holístico é capaz de inspirar em nós a verdadeira piedade, gratidão, devoção e temor a Deus. Vistas por este ângulo, as conseqüências do conhecimento de Deus são extremamente benéficas. Em primeiro lugar, elas têm o proveito

de nos ensinar a reverência e temor e, em segundo, de nos induzir, sob a sua condução e ensino, de pedir todas as coisas boas das suas mãos e saber atribuí-las a ele, quando as recebemos.⁸

O conhecimento de Deus encontra-se para Calvino em toda parte, desde o evento da criação, e serve para glorificar o seu nome. Nesse sentido, a natureza reflete o caráter de Deus. O homem, por seu turno, não pode captar esse caráter em sua plenitude. Daí que Deus tenha enviado um mediador, Cristo, que permite ao homem sair do seu estado de alienação e ignorância de Deus e de si mesmo. Por meio de Cristo, apesar de todo o seu pecado e culpa, a contradição existente entre o eu corrompido e o eu criado à imagem e semelhança de Deus está em condições de ser superada.

Assim Calvino vê no conhecimento de Deus uma finalidade que vai muito além do desenvolvimento intelectual. Este saber implica, para além do mero conhecimento, o desenvolvimento de uma atitude honestamente piedosa, embora ele reconhecesse ser rara, e da vivência de uma espiritualidade não motivada pelo medo, e, sim, pela conscientização de quem Deus efetivamente é.

Já no segundo livro das *Institutas*, ficamos sabendo que esta consciência não é algo que se possa desenvolver na escola, mas que é resultado de um processo muito pessoal e gradativo, que se inicia desde o útero da mãe.

E, no livro três, Calvino nos alerta para o fato de que o conhecimento de Deus que podemos ter por meio da natureza é, por outro lado, depravado e corrompido; em parte por ignorância, e em parte por uma falha da própria natureza do homem. Assim, nenhum conhecimento construído pelo homem pode implicar a sua própria glorificação nem tampouco a conquista da felicidade e muito menos a salvação. Todo conhecimento que se pode extrair da natureza, portanto, deve ser monitorado e conduzido de fora, pela iluminação do Espírito Santo. Pois o homem não é autônomo na construção do seu conhecimento. Ele só pode conhecer as coisas como por um espelho, ou seja, como dizíamos anteriormente, por analogia.

Calvino faz questão de deixar claro que Deus se revelou a todos os homens, sem exceção, mas que estes preferiram atribuir a existência de Deus e da religiosidade à mera invenção humana, de modo que eles procuram desesperadamente saciar o seu senso de divindade e do temor a Deus naturalmente, implantado nas suas mentes, nem que seja desviando dele ou substituindo-o de alguma forma.

Não que este conhecimento seja absolutamente seguro e não haja invenções e até equívocos nas discussões do homem em torno de assuntos teológicos. Pelo contrário, a própria dificuldade do homem em abordar temas espirituais e a sua luta para compreendê-los como realmente são é um sinal de que a noção de Deus está presente de modo inalienável no homem.

Calvino chega a sugerir que o conhecimento de Deus é o sentido último da existência humana e que o máximo do desespero e vazio que o homem pode sentir surge em decorrência da rejeição do conhecimento de Deus. Assim, todo ser humano que deixa de buscar o conhecimento de Deus está, em última instância, pondo em risco o sentido da sua própria existência.

Podemos ver aqui implícita outra concepção de educação. Somente as coisas criadas com um sentido ou para um determinado fim podem ser aprendidas. Nenhum ser humano razoável se daria ao trabalho, por exemplo, de se dedicar ao estudo de algo que não existe, nem na realidade, nem na fantasia. Algo que não exista em lugar nenhum e não foi criado com nenhum propósito ou finalidade não pode despertar a curiosidade humana. Ninguém que não tenha provado o chocolate ficaria com desejo de chocolate e sairia para pesquisar a este respeito. Assim o impulso mesmo que todo ser humano sente de conhecer a Deus é um sinal não apenas da sua existência, mas também de que haja um sentido em todas as outras coisas que se podem estudar, especialmente, o próprio ser humano.

Por outro lado, se a busca pelo conhecimento de Deus vier acompanhada de soberba e rebeldia contra ele, ele acabará na superstição e impiedade, vícios estes que são absolutamente condenáveis pela Bíblia. O senso do sagrado nessas pessoas, em vez de conduzi-las a Deus, acaba afastando-as cada vez mais dele.

A corrupção do conhecimento consiste precisamente na busca deste, por mera vaidade intelectual ou curiosidade exagerada e desejo de conquistar méritos humanos. Para Calvino, não é certamente por acaso que os que deixam de buscar a Deus e temê-lo, passando a negá-lo, são chamados de "tolos" na Bíblia (Salmo 14:1, 53:1). Ele critica

particularmente aqueles hipócritas que têm a ousadia de se considerarem “religiosos”, mas que, na verdade, cultivam uma concepção totalmente distorcida de Deus. Para estes falsos cristãos, Deus é visto como um grande “estraga-prazeres”, que sempre se opõe à vontade do homem e exige dele coisas que na verdade ele nem sequer pode realizar. Assim, eles se revoltam e distanciam cada vez mais de Deus, ostentando ser-lhe próximos. No entanto, ninguém, nem mesmo estes falsos piedosos, pode escapar do senso de Deus, encravado nos seus corações. É isso que faz com que todos os seres humanos sejam condenáveis quando ignoram Deus.

Pois o conhecimento de Deus se revela das mais diversas formas de ação divina na história. A essência de Deus torna-se visível por meio dos seus feitos. Infelizmente, porém, a estupidez e embrutecimento do homem são tamanhos, que ele não consegue chegar a um conhecimento adequado de Deus, somente com base nisto.

Para Calvino, o conhecimento de Deus e o de si mesmo estão relacionados de tantas maneiras, que não se pode especificar o que deu origem ao quê. O vislumbre do que Deus é nos remete à nossa fraqueza e limitação, da mesma forma que o conhecimento da nossa fraqueza e limitação nos remete ao caráter perfeito de Deus.

IV.II Conhecimento de Deus e Graça Comum

Como o próprio termo já diz, a expressão “graça comum” pode ser definida como a dádiva divina, oferecida indistintamente a todos os homens, sem qualquer merecimento. Embora Calvino não se refira diretamente ao termo, cunhado posteriormente, esta noção está muito presente nas *Institutas*.

É importante notar, antes de mais nada, que o termo “comum” não é pejorativo, mas refere-se a algo que é “de todos” e que foi acrescido, para que este tipo de graça não fosse confundido com a graça “especial”, que é com a graça “salvadora” ou, então, a graça “eficaz”. De acordo com o livro de Reis no Antigo Testamento, a grande diferença entre a graça especial e a graça comum é que a primeira só diz respeito aos eleitos e que provoca uma transformação, que vai além da mudança moral, implicando igualmente uma conversão espiritual:

Por Graça Comum ou universal (porque alcança todos indiscriminadamente) entende-se uma graça que restringe a manifestação do pecado na vida humana sem remover a pecaminosidade humana, permitindo que incrédulos profiram muitas verdades e produzam muitos feitos que são bons. É uma graça que refreia o pecado, porém sem regenerar o ser humano.⁹

A graça comum vai muito além das bênçãos, com que Deus presenteia todos os seres humanos, muitas vezes sem esperar que ele sequer as solicite. Pois ela se processa em última instância mediante a cooperação invisível do Espírito Santo, cujo poder de ação não se limita às pessoas renascidas. E é graças precisamente a essa atuação que nós temos a possibilidade de ladear os abismos que nos separam de Deus desde a queda, por mais profundos que eles sejam.

Entre os sinais da atuação do Espírito no mundo secular, temos a instituição da família, dos governos, e de todas as demais instituições, bem como a existência de princípios éticos e morais comuns entre os homens, em detrimento de toda a sua depravação.

Se não fosse pela Graça Comum, administrada pelo Espírito Santo no mundo, e o poder

de interferência de Deus na história, estaríamos entregues ao caos (I Tim 2:1-2; Gên 20:1-18). Muitas vezes essa interferência pode até ser "passiva", no sentido de Deus simplesmente deixar o homem levar até o fim os seus caminhos tortuosos, sofrendo as conseqüências naturais da sua pecaminosidade. Nada impede Deus de permitir eventos que revelam a natureza pecaminosa do homem e as conseqüências maléficas do pecado. Mas isso não significa que Deus seja o provocador do mal ou que ele não seja soberano sobre o pecado e o sofrimento.

Lemos nas Escrituras que até o Satanás e os seus demônios só podem agir na medida em que Deus o permite (II Tessalonicenses 2:8-11; I Reis 22:15-23; I Samuel 16:14). Podemos encontrar um exemplo disso na história de Jó, que é a maior prova do poder de Deus para tornar o mal em bem.

Por mais que os seus amigos quisessem atribuir-lhe a culpa da sua desgraça, mostrando-se espiritualmente cegos (I Cor 1:18; 2:11-14; Efésios 4:17,18), demonstrando grande conhecimento teológico e moral, eles não foram capazes de anular a verdade de Deus. Por mais que eles ostentassem conhecimento de Deus, toda e qualquer noção elementar que eles podiam captar depende exclusivamente da graça de Deus. Ninguém é capaz de anular a verdade ou o conhecimento de Deus (Rom 1:23,28). Não importa o quanto o ser humano possa odiar a lei divina (Rom 8:7), ele jamais poderá escapar a ela. Mesmo porque essa lei está escrita no coração e na consciência do homem (Rom 2:14-16), tanto do renascido quanto do descrente (Rom 2:14,15; Heb 8:10). Mas isso não basta. Como comenta Wendel (1997, p. 153), para Calvino, da mesma forma que para Lutero, o que interessa não é um conhecimento meramente teórico de Deus, como aquele que os filósofos têm, devido ao princípio graça comum, mas o conhecimento prático, que leva ao amor e temor a Deus, bem como à sua glorificação.

A "semente da religião", que consiste no reconhecimento de que "haja uma divindade", persiste no homem, mas é "tão corrupta que só o que pode produzir são frutos danosos". [...] Os dons que receberam não habilitam os filósofos de alcançar mais conhecimento de Deus do que qualquer outra pessoa. Aqueles dons só servem no final para torná-los ainda mais inescusáveis (Wendel, 1997, p. 163-164).

Assim é a bondade de Deus, manifesta pela graça comum, que nos leva a nos conscientizarmos da depravação do homem, de que muitas vezes também não nos damos conta, de tão imbuídos que estamos dela. Assim, ela também revela a justiça de Deus. Como lemos em Romanos 1:18-20, e já frisamos anteriormente, a revelação de Deus pela natureza torna o homem inescusável. E, em Romanos 2:15,16, tomamos conhecimento de que os pagãos serão julgados com base na lei escrita em seus corações.

Podemos observar novamente aqui o valor que os reformadores atribuíam à educação, pois, embora todos tenham alguma noção de Deus e da sua lei, ninguém consegue se salvar exclusivamente com base nisto. Se ela fosse suficiente, a educação seria inteiramente desnecessária. Para alcançar conhecimento de Deus, o homem precisa apelar para um "pedagogo" externo, um guia ou auxiliador que lhe indica o caminho. O Espírito de Deus instrui até mesmo os reis (Pv 21:1). Foi nesse sentido que o imperador Ciro, mesmo sendo pagão, foi chamado "o ungido de Deus", dado o propósito de Deus de abençoar os judeus (Is 45:1).

A Bíblia traz outros tantos exemplos em que Deus se mostra soberano e controlador da

mente e da história por intermédio de homens incrédulos (Pv 16:7). Mas somente esses exemplos bastam para notarmos que a perspectiva de uma educação cristã não pode jamais ser fechada, fragmentária ou simplesmente humana. Ela necessariamente transcende a todas as classificações, sistematizações e metodologias, rumo à revelação geral e especial do Espírito Santo, que podemos considerar o maior de todos os pedagogos. Assim, o conceito de Graça Comum implica o reconhecimento da magnificência e soberania de Deus, que não pede licença ao homem para se manifestar, da mesma forma como o homem não pede licença para aprender. A busca pelo conhecimento e pela verdade é tão natural ao homem quanto é para Deus o revelar-se e permitir que o homem construa conhecimentos.

Outra implicação importante da graça comum, e talvez a mais importante para a filosofia da educação, é que ela nos ensina como devemos tratar o nosso próximo, até mesmo o nosso inimigo, fornecendo-nos modelos para tanto. Nenhum cristão está autorizado a desprezar conhecimentos alheios, por mais "seculares" que eles lhe possam parecer. Isso seria contrário ao amor tão gracioso quanto aquele revelado gratuitamente por Deus a todas as suas criaturas. Ou seja, devemos tratar o outro e seu conhecimento desejando-lhe o máximo de benefícios, ou melhor, amando-o graciosamente e ensinando-o por meio da nossa humildade, piedade e devoção a Deus (Mateus 5:38-48). A propósito, o amor, se entendido e praticado em sua plenitude, é, a nosso ver, a condição básica e suficiente, para toda a educação, e particularmente da educação cristã. Como dizia Agostinho, "ame e faça o que quiseres".

IV.III Conhecimento de Deus, Escrituras e Eleição

De acordo com as *Institutas*, as Escrituras, também chamadas "escola de Deus", existem para a instrução dos eleitos de Deus, por meio de oráculos, profecias, pela lei e pelos ensinamentos dos patriarcas e apóstolos.

Calvino se baseia em Isaías 54:13 para atribuir o privilégio de se ter acesso pleno aos ensinamentos de Deus, por intermédio das Escrituras, apenas aos Filhos de Deus, que serão um dia separados do resto da humanidade. Essa afirmação poderia até soar preconceituosa e altamente elitista, se Calvino não tivesse deixado claro que essa reserva dos tesouros da inteligência aos seus filhos baseia-se na ignorância geral da humanidade. Ignorância esta que inclui a dos eleitos, enquanto eles estiverem neste mundo. Pois "ninguém é capaz de compreender os mistérios de Deus, a não ser aqueles a quem isto lhe foi dado".¹⁰

Por outro lado, as Escrituras só serão suficientes para guiar o ser humano ao conhecimento de Deus, se vierem acompanhadas da persuasão interna do Espírito Santo. Pois a verdade do conteúdo da Bíblia não pode ser provada, a não ser pela fé. Nesse sentido, Calvino concorda com Agostinho em que a aquisição de todo e qualquer conhecimento mais elevado pressupõe, antes de mais nada, piedade e paz mental.

Por outro lado, Calvino critica todos aqueles "fanáticos" que, ignorando as Escrituras,

reduzem todo o conhecimento de Deus à revelação especial, esquecendo que grande parte do conhecimento de Deus nos foi revelada por escrito. Quem ignora a revelação escrita de Deus supõe que Ele se revela diretamente a todo momento. Ou, então, colocam-se como se fossem seres excepcionais, capazes de escrutar os mistérios de Deus, sem necessidade de mediadores. Em última análise, o conhecimento de Deus presente na natureza tem a mesma origem, intenção e objetivo que o conhecimento revelado por meio das Escrituras e que está inalienavelmente associado à aprendizagem:

Além disso, o conhecimento de Deus, que nos é apresentado nas Escrituras, foi projetado para o mesmo propósito, que o daquele que se reflete na criação: que nós possamos com isso aprender a servir a ele com integridade perfeita de coração e obediência não dissimulada, e também de depender inteiramente da sua bondade.¹¹

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS: PRINCIPAIS IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO

O que podemos concluir após essa breve explanação da prática pedagógica e da epistemologia de Calvino é que os educadores cristãos, particularmente os que se autodenominam “reformados”, estão equivocados, quando se restringem à educação de crianças e adolescentes e, no máximo, de jovens, desprezando as descobertas recentes quanto à educação de adultos. Também estão enganados quando reduzem a educação cristã ao campo estritamente teológico e, quiçá, ao sistemático. Pois todo o conhecimento, teológico ou não, tem a sua referência última em Deus, e, portanto, em Cristo, servindo para a sua glória. O conhecimento dito “secular” *nem sequer seria possível*, se não fosse pela graça e o amor de Deus. Assim não há melhor fundamento e justificativa para a educação, quer seja laica ou religiosa, do que uma perspectiva cristã adequada do mundo. Infelizmente a sociedade de hoje se esquece de que os templos é que foram originalmente os maiores centros de cultura e excelência acadêmica, limitando-os a um papel reducionista e medíocre, e, isso, com o assentimento dos próprios cristãos. Em vez de ver o conhecimento secular e a cultura com o devido *respeito, senso crítico e discernimento* que Calvino tanto defendia, o cristão de hoje muitas vezes os vê com mera *suspeita irrefletida*.

Infelizmente, a maioria dos interessados no assunto ignora a finalidade última da educação cristã, que *não é o conteúdo teórico sobre Deus*, mas a glorificação, contemplação e apreciação do que Deus tem para revelar a nós. E isso vale igualmente para *qualquer tipo* de conhecimento, teológico ou secular.

A principal implicação da epistemologia de Calvino, que se reflete na sua prática educacional na Academia de Genebra, é que, se não servir para a glória de Deus e para a alegria de compartilhar o conhecimento com o Criador, o conhecimento acabará servindo para a glória do homem mesmo, perdendo assim o sentido benéfico para a humanidade. Resta ao educador sondar-se a todos os momentos e refletir o que significa, *na prática*, glorificar a Deus, mediante a educação e o conhecimento. Significa, antes de mais nada, reconhecer todo e qualquer conhecimento (o que significa, evidentemente, conhecimento verdadeiro, e não falso conhecimento ou conhecimento corrompido) como vindo de Deus, dando graças a ele por isso.

E aqui tocamos no pior de todos os problemas dos educadores cristãos da atualidade: o desprezo a todo e qualquer conhecimento que não tenha um “certificado” de bíblico ou reformado. Ora, se uma das vias de manifestação dos atributos e verdades de Deus é pela atuação do Espírito de Deus neste mundo, então não estamos autorizados a negligenciar e muito menos a considerar heréticas essas verdades. De certa forma

estaremos negando o próprio Deus com isso. Quem ignora a graça comum tenderá sempre a uma interpretação reducionista e equivocada não somente da Bíblia, mas igualmente do próprio Criador e de toda a sua criação, provando uma visão fragmentária e racionalista do mundo.

E é o conhecimento de Deus doado graciosamente ao homem que permite o conhecimento de si, que pressupõe e fundamenta todos os demais conhecimentos. Temos aqui outra importante implicação para a educação cristã que é somente fazendo os alunos conhecerem mais a Deus é que poderemos fazer com que eles tenham um autoconceito bem formado. E não é em primeira instância por meio de terapias e do diálogo, mas ajudando-os a conhecer melhor a Deus, que podemos desenvolver a sua consciência de si. O que não significa que a terapia e o diálogo não possam ser excelentes complementos. Uma boa consciência não é desenvolvida por longas seções terapêuticas, e, muito menos, por sermões de moral ou explanações teóricas, mas, antes, pelo puro e simples ensino da doutrina, com todas as suas decorrências práticas de transformação de vida.

A implicação mais óbvia e menos vista e praticada entre educadores cristãos é que, se para Calvino o conhecimento de Deus é a razão de ser do homem, então todas as pessoas que se dizem cristãs reformadas deveriam espontaneamente *priorizar* a educação. E isso em todas as instâncias, a começar pela educação no lar. Não se trata de uma educação qualquer, e, sim, de uma educação *holística*, ou seja, *transformadora, vivencial, humana, coerente* com as Escrituras, *aberta* para a revelação do Espírito de Deus e *voltada para a sua glorificação*. Trata-se, portanto, de uma educação viva, que se mostra por meio de frutos concretos. Como Calvino mesmo formula:

E aqui é necessário observarmos novamente (veja cap. 2 s. 2) que o conhecimento de Deus, que somos convidados a cultivar, não é aquele que, descansando satisfeito com meras especulações vazias, fica agitando-se na mente, mas um conhecimento que pretende provar-se substancial e frutífero, onde quer que seja apreendido e radicado no coração. O Senhor se manifesta por sua perfeição. Quando nós sentimos o seu poder dentro de nós, e nos conscientizamos dos seus benefícios, o conhecimento acaba imprimindo-se em nós de forma muito mais viva, do que, se nós meramente imaginamos um Deus, de cuja presença jamais nos demos conta. Portanto, é óbvio que, para se buscar a Deus, o caminho mais direto e o método mais adequado não é de procurá-lo com uma curiosidade presunçosa, pretendendo sondar a sua essência, que deve ser antes adorada, do que minuciosamente debatida, mas de contemplá-lo em suas obras, pelas quais ele se aproxima de nós, tornando-se familiar e comunicando-se a si mesmo a nós.¹²

À vista dessas considerações, que pensar então do currículo das nossas escolas teológicas no Brasil? Acreditamos que nós, os cristãos de hoje, estaremos fazendo um enorme favor a nós mesmos, à humanidade e ao nosso "chamado cultural", se deixarmos de lado os preconceitos contra o que denominamos "secular" e começarmos a exercitar o discernimento e sabedoria que só o Espírito pode nos doar para nos dedicarmos a esta missão que Deus nos atribuiu, que é a educação. Não estaremos fazendo nada mais do que o nosso dever natural, se passarmos a priorizá-la.

Talvez o primeiro passo para isso seja o de nos colocarmos desde já sob a orientação do Espírito Santo, assumindo humildemente a nós mesmos antes de mais nada como educandos e aprendizes. Afinal, como já dizia o grande mestre Guimarães Rosa em *Grandes sertões veredas*, por meio da memorável figura de Riobaldo Ramos, "Mestre não

é aquele que ensina, mas aquele que, de repente, aprende”.

Mas, se continuarmos nos conformando à postura soberba do conhecedor pagão, que se fia de teorias e se vangloria por deter conhecimentos aparentemente “seguros” sobre Deus, não estaremos nos mostrando mestres. Bem pelo contrário, estaremos nos tornando obstáculos à obra educadora do Espírito neste mundo. Pois o conhecimento de Deus é terrível e inexaurível, daí que ele só possa manifestar-se e justificar-se pela sua graça e para a sua glória. É a ela ao menos que visa este artigo.

REFERÊNCIAS

BOTO, Carlota. A modernidade do Estado-Nação. *Revista Mackenzie Educação, Arte e História da Cultura*, ano 1, n. 1, 2001.

CAIRNS, Earle E. *O cristianismo através dos séculos*. Tradução de Israel Belo de Azevedo. São Paulo: Vida Nova, 1984.

CALVIN, Johannes. *Biographisch-Bibliographischen Kirchenlexikon* [on-line]. Disponível: <http://ducati.onlinehome.de/calvinismus/CalvinBBK.htm> [capturado em 22 mar. 2002].

CALVINO, J. *Institutes of the Christian Religion*. Tradução de Henry Beveridge, Esq. [on-line]. Disponível: <http://www.ccel.org/c/calvin/institutes/institutes.html> [capturado em 26 mar. 2002].

CAMBI, Franco. *História da pedagogia*. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Unesp, 1999.

COSTA, Hermisten Maia Pereira da. Prefácio à tradução brasileira. In: CALVINO, João. *Romanos*. Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: Paracletos, 1997.

FERREIRA, Wilson Castro. *Calvino: vida, influência, teologia*. Campinas: Luz para o Caminho, 1990.

DIENER-WYSS, H. Calvin gründete die Akademie. *Johannes Calvin (1509-1564)* [on-line]. Disponível: <http://www.efb.ch/Texte/calvin/15.htm> [capturado em 21 mar. 2002].

GRAHAM, Fred W. *The constructive revolutionary John Calvin & his socio-economic impact*. Atlanta: John Knox Press, 1978.

HÖPFL, Harro. *The Christian polity of John Calvin*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

LEITH, John H. *A tradição reformada*. Tradução de Eduardo G. Faria e Gerson C. de

Lacerda. São Paulo: Associação Evangélica Literária Pendão Real, 1996.

OSTERHAVEN, M. Eugene. *The spirit of the reformed tradition*. Grand Rapids (MI): Eerdmans, 1971.

REIS, Gildásio. *A graça comum de Deus* [on-line]. Disponível: <http://www.uol.com.br/bibliaworld/igreja/estudos/grac006.htm> [capturado em 21 mar. 2002].

WENDEL, François. *Calvin: origins and development of his religious thought*. Tradução de Philip Mairet. Grand Rapids (MI): Baker Books, 1997. 153.

* *Docente do programa de mestrado do Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, Universidade Presbiteriana Mackenzie.*

¹ A versão ora adotada como fonte primária é a inglesa, disponível on-line em <http://www.ccel.org/c/calvin/institutes/institutes.html> [capturado em 26 mar. 2002].

² Devido às dificuldades inerentes às traduções brasileiras, demos preferência à versão em inglês, disponível on-line na Christian Classic Ethereal Library, *The Institutes of Christian Religion*.

³ Calvin, Johannes. *Biographisch-Bibliographischen Kirchenlexikon*, on-line.

⁴ Diener-Wyss, H. Calvin gründete die Akademie. *Johannes Calvin (1509-1564)*, on-line.

⁵ Diener-Wyss, H. Calvin gründete die Akademie. *Johannes Calvin (1509-1564)*, on-line.

⁶ Calvino, J. *Institutes of Christian Religion*, on-line.

⁷ Calvino, J. *Institutes of Christian Religion*, on-line.

⁸ Calvino, J. *Institutes of Christian Religion*, on-line.

⁹ Reis, Gildásio. *A graça comum de Deus*, on-line.

¹⁰ Calvino, J. *Institutes of Christian Religion*, on-line.

¹¹ Calvino, J. *Institutes of Christian Religion*, on-line.

¹² Calvino, J. *Institutes of Christian Religion*, on-line.